

LEANDRO KONDER

Intolerância & Marxismo

O TEMA DA TOLERÂNCIA & intolerância não é exclusivo do nosso tempo. De um ou de outro modo, a preocupação com a questão da intolerância se tem manifestado, através da história, em pensadores das mais diversas épocas.

A relativização da verdade empreendida pelos sofistas na antiguidade, por exemplo, refletiu um movimento inequivocamente anti-dogmático, de feição individualista, avêso às formas de intolerância religiosa mais difundidas no seu tempo.

São Francisco de Assis manifestou, também, disposição de não aceitar os métodos coercitivos de proselitismo postos em prática, então, pelo seus irmãos da Igreja. Evidenciou tal disposição pelo seu próprio exemplo de humildade e pelo conselho: "Não desprezeis a quem não vive como vós; Deus é senhor deles como vosso e fácil lhe é chamá-los a Si por outros caminhos" (1).

Pierre Bayle, no século XVIII, preconizou a pluralidade das religiões e a coexistência pacífica das seitas com o ateísmo. Foi um autêntico campeão da tolerância. "Um grande gênio — escreveu — amparado num grande saber, não considera de modo algum que o erro esteja todo de um lado só; descobre um aspecto forte e um aspecto

fraco em cada partido, compreende tudo o que há de mais especioso nas objeções dos seus adversários e tudo o que há de menos sólido nas suas próprias provas" (2).

Outros, muitos outros, poderiam ser lembrados.

Parece-me, contudo, que a questão da intolerância, com o aparecimento do marxismo, assumiu uma fisionomia nova.

O marxismo veio a constatar a existência de uma relação inescamoteável entre toda produção ideológica e o contexto histórico concreto em que a mesma se produzia. E veio a definir a natureza desta relação: o ser condicionando o pensar, não em forma de causalidade unívoca, mas à maneira dialética.

Mesmo um filósofo não marxista, como Merleau Ponty, registrou esta conquista do marxismo: "Ter ensinado a confrontar as idéias com o funcionamento social que elas animam, nossa perspectiva com a dos outros, nossa moral com a nossa política, eis um mérito definitivo do marxismo" (3).

O marxismo cobriu de ridículo a pretensão de estabelecer uma convivência amena e cordial entre o explorador e o explorado sem acabar com a condi-

ção do explorador do primeiro e com a condição de explorado do segundo. Cristo recomendara aos homens: "Amai-vos uns aos outros". Os marxistas indicavam a inanidade da recomendação nas sociedades divididas por antagonismos de classe, apontavam-lhe a ineficácia histórica em quase vinte séculos e propunha medidas concretas, revolucionárias, para banir a alienação e possibilitar o desenvolvimento de relações fundadas na estima recíproca entre os homens, unindo-os pelo trabalho e pelo desfrute comum dos frutos do trabalho.

Marx vinha a tornar clara uma vaga intuição de Diderot, segundo a qual as controvérsias teóricas de grande significação não se decidem, verdadeiramente, no plano crítico-especulativo, e sim no plano crítico-prático. Inútil esperar, por conseguinte, que a prédica da tolerância viesse, por si só, a banir dos embates as manifestações de intolerância. Inútil esperar que a tolerância, com ser proclamada, difundida em exemplos e defendida em razões teóricas, viesse automaticamente a se implantar, sobrepondo-se a interesses materiais de grupos ou a conflitos de classes sociais.

Com os critérios marxistas, compreendemos que a relativização da verdade pelos sofistas só podia levar mesmo à sofística e nunca à dialética moderna. Compreendemos que a sofística nada podia contra o dogmatismo e que as práticas de intolerância da época dos sofistas não foram erradicadas e nem sofreram redução apreciável de incidência ou de gravidade em decorrência dos esforços dos livres-pensadores. No entanto, em face das circunstâncias históricas, a constatação da necessidade

do fracasso não nos leva a desprezar os sofistas e sim, pelo contrário, a considerá-los, neste particular, merecedores da nossa especial simpatia, pois os sentimos mais próximos de nós, mais afinados conosco do que os seus contemporâneos conservadores, preconceituosos.

Com os critérios marxistas, compreendemos que a tolerância de São Francisco de Assis nada pôde contra a intolerância da Santa Inquisição, que se desencadeou depois dêle. Compreendemos a pouca utilidade histórica que tiveram a sua abnegação, o seu desprendimento pessoal e a sua humildade como fatores divergentes da violência exercida contra a consciência dos infiéis. No entanto, interessa-nos muito mais a personalidade dêste místico do que o caráter tão menos humano do rígido Inácio de Loyola, apologista fanático da disciplina e da hierarquia. Podemos mesmo supôr que não é o fundador da Companhia de Jesus e sim o "povorello" quem encontra eco no pensamento cristão mais avançado dentro da Igreja, nos nossos dias. Como, por exemplo, no pensamento do cardeal Béa, que adverte: "A quem queira objetar que o êrro não tem o direito de existir, basta responder que o êrro é uma coisa abstrata e por isso não é objeto de direito, ao passo que o homem sim, mesmo se êle há de se enganar de modo invencível, isto é, sem poder se corrigir. Êle (o homem) tem, portanto, o direito e o dever de seguir a sua consciência — e assim, semelhantemente, o direito a que esta independência seja respeitada por todos" (4).

Antes de Marx, já Hegel concebera o

mundo como um processo, quer dizer, como uma totalidade em movimento. E, com base na sua concepção de um todo dinâmico, no qual tudo implicava em tudo através de incontáveis mediações, Hegel se opuzera tanto à eternidade das fórmulas fixas como à intuição e à revelação, que chamou de “saber imediato”. Em seu livro fundamental, escreveu: “A maneira dogmática de pensar no domínio do saber e no estudo da filosofia não é outra coisa senão a opinião segundo a qual o verdadeiro consiste em uma proposição que é um resultado fixo, ou, ainda, uma proposição que é imediatamente sabida” (5). E, mais adiante, acrescentou que a revelação imediata, a seu ver, quando se apresentava como sucedâneo da pesquisa filosófica, funcionava como chichória na qualidade de sucedâneo do café.

Mas o historicismo hegeliano encontrava-se limitado pela natureza idealista do sistema elaborado por Hegel e se chocava com a concepção de uma *Idéia Absoluta*, em função da qual se determinavam os “espíritos dos povos” e os “espíritos das épocas”.

Por força desta limitação, Hegel (cuja perspectiva de classe ainda era a de uma classe ociosa) nem sempre foi conseqüente ao empregar o método dialético. Estudou, por exemplo, as instituições políticas dos povos antigos como fenômeno histórico; porém se abstraiu da *historicidade* do Estado prussiano do seu tempo, imaginando-o como o resultado final da evolução política das sociedades e como “o Estado racional por excelência”.

Para Hegel, ainda situado em um quadro de valores burgueses, o trabalho

humano ainda aparece fundamentalmente como um trabalho mental, como um trabalho da consciência. E, como esta consciência figura em situação privilegiada ante o “corpo” e as suas condições materiais de existência, torna-se uma consciência um tanto mítica. De modo que, para Hegel — membro de uma classe ociosa — o trabalho é abstrato.

Marx, contudo, vai além de Hegel e rompe decididamente os limites da consciência de classe burguesa, perfilhando a perspectiva de classe do proletariado, classe que não usufrui dos privilégios de nenhuma forma de propriedade particular quanto às fontes de produção, classe cuja emancipação implicava na supressão das classes sociais (e, portanto, na supressão dela mesma enquanto classe), classe cujo ponto-de-vista particular era o único que socialmente oferecia possibilidade de vir a gerar um ponto-de-vista autenticamente comum a toda a humanidade.

A concepção de Marx, por isso, não estabeleceu limites para a dialética. E pôde ser definida como constituindo um “historicismo absoluto” (Gramsci).

Marx substituiu a noção de totalidade “fechada” do sistema hegeliano (a *Idéia Absoluta*) por uma noção de totalidade “aberta” (o conjunto das condições concretas de vida dos homens). Elaborou uma concepção do mundo que não podia se prestar para “receituário” no entendimento dos fatos porque não admitia a redutibilidade do real ao saber.

Tais características da concepção marxista do mundo, com certeza, foram as que levaram o escritor (católico) Jean Lacroix a afirmar: “Em sua ins-

piração mais profunda, o espírito marxista é, sem dúvida, uma negação radical de todo dogmatismo” (6).

Todavia, com ser a negação radical de todo dogmatismo, o marxismo não exclui, evidentemente, a possibilidade de que na sua prática revolucionária se manifestem elementos do mais deprimente dogmatismo e da mais estreita intolerância. Convém lembrar que Lênin mesmo era quem advertia: “Por si só, o reconhecimento do marxismo não exige ninguém dos êros” (7).

A constatação de que, na experiência da revolução socialista levada a cabo à luz dos princípios do marxismo, numerosas anomalias, fenômenos culturais, equívocos e excessos de graves consequências vieram a ocorrer, tal constatação — feita publicamente no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética — não pode deixar de exigir de um marxista consequente que êle empreenda um exame objetivo das condições concretas daquela experiência revolucionária para alcançar a efetiva compreensão, em suas raízes, das anomalias e dos equívocos já referidos.

Não é difícil verificar, por exemplo, que a política cultural posta em prática na União Soviética, conquanto bem sucedida no que concerne à promoção do desenvolvimento tecnológico, teve até hoje um rendimento que deixa muitíssimo a desejar no campo artístico e no campo da filosofia propriamente dito.

No campo artístico, sobretudo no campo das artes plásticas, as realizações do realismo socialista deixam muito a desejar, situam-se num nível sabida e reconhecidamente insatisfatório. Quan-

to aos estudos filosóficos, à exceção de uns poucos, os que tenho podido ler me deixam, geralmente, uma impressão penosa de pensamento muito tímido ou excessivamente disciplinado.

Só me refiro aqui a esta minha impressão pessoal porque pude observar que ela coincide com a de numerosos intelectuais brasileiros de esquerda. Diversos amigos meus, desprovidos de prevenção anti-marxista, e às vezes simpatizantes ou até mesmo militantes da revolução, têm manifestado em conversa comigo opinião segundo a qual a produção filosófica soviética moderna é muito “quadrada”, devendo ser superada a elaboração de manuais que são verdadeiras “vulgatas” do marxismo e tratados que parecem redigidos por burocratas destituídos de qualquer *inquietação*, absorvidos por um espírito de rotina, sem audácia, sem inventiva, medíocres e como que intelectualmente castrados.

É claro que os ideólogos da burguesia, os críticos anti-marxistas, comprometidos com os privilégios de classe que o marxismo se esforça por destruir, se aproveitam desses fenômenos para atribuí-los às “deficiências intrínsecas” do marxismo. Mas a existência desta exploração política em torno de tais fatos não pode levar os marxistas a uma recusa de reconhecê-los. E o reconhecimento dos efeitos do dogmatismo pode ser encontrado, aqui e ali, na obra de expressivos escritores marxistas contemporâneos.

Assim, por exemplo, sob o estímulo do desafio e das críticas de Sartre em *Questions de Methode*, Roger Garaudy — filósofo do Partido Comunista francês — empreende uma revisão de seus

métodos de trabalho e escreve: “É inevitável que um pensamento militante, sobretudo nos momentos de extrema tensão histórica e de polarização de forças, seja levado, pelas necessidades da vigilância e do combate, a uma certa rigidez no acolhimento feito a outras fontes de pensamento. Mas não há dúvida, para qualquer marxista, sejam quais forem as exaltações e os êrros inelutáveis, que o marxismo não pode viver e desenvolver-se senão integrando e superando tudo que a filosofia contemporânea tem de vivo” (8).

Outro marxista francês, denunciando a preguiça mental dos dogmáticos e a deficiência básica da crítica ideológica feita por êles escreveu: “O dogmatismo consiste não em colocar claramente os princípios do marxismo, mas em se contentar com apenas proclamá-los, em crer que a sua simples proclamação basta para derrotar o adversário (...) Assim, o dogmatismo não é excesso de rigor, mas *ausência* de rigor. Não é excesso de combatividade, mas *fracasso* diante do combate ideológico real” (9).

É claro que estas afirmações não fazem senão aflorar o problema, ou melhor, o complexo de problemas de que se constituem os fenômenos de dogmatismo e intolerância ligados ao que se convencionou chamar de “stalinismo”. De modo geral, não é razoável esperar do Primeiro Ministro Nikita Khrushchiov, que colocou tais problemas na ordem do dia, que êle mesmo empreenda a análise em profundidade dos mesmos. Sua tendência, por motivos de caráter político, é a de explicá-los através do “culto à personalidade”. Para nós, contudo, esta explicação é insatisfatória. Um rigoroso exame das

raízes históricas do dogmatismo e das práticas arbitrárias de intolerância levadas a cabo em nome dos “superiores interesses da revolução” se faz necessário e está apenas prenunciado nas abordagens do tema já realizadas por escritores marxistas.

Acreditamos que esta será, desde logo, uma das tarefas fundamentais com que se terão de defrontar os marxistas das gerações mais novas. O que não exclui a participação da *velha guarda* marxista, é claro. Quando menciono, em especial, os marxistas das gerações mais novas, penso em um aspecto da questão: para os antigos marxistas, que viveram o período staliniano e nêle formaram as suas concepções, o processo auto-crítico dêste exame, a análise das raízes do dogmatismo como principal fonte teórica das práticas de intolerância e de fanatismo sectário, é um processo particularmente doloroso: é uma intervenção cirúrgica com o bisturi cortando na própria carne.

Por isso, creio que é predominantemente sôbre os ombros dos jovens que vão pesar as responsabilidades de realização da tarefa, o que não quer dizer que não lhes seja imprescindível o apoio dos mais lúcidos dentre os elementos da *velha guarda* do marxismo. Um exame detido das idéias de dois pensadores marxistas das gerações precedentes, sobretudo, será fundamental no estudo das vicissitudes sofridas pela revolução mundial e das medidas indispensáveis para a correção dos êrros. Êstes dois pensadores, a meu ver, foram os dois únicos marxistas que

trouxeram avanços significativos para o marxismo desde Lênin: o húngaro Georg Lukàcs e o italiano Antonio Gramsci.

Lukàcs tem sido, em muitos aspectos, um pioneiro; autor de trabalhos sobre questões filosóficas, artísticas e literárias, pensador independente, “rebelde”, por vezes indeciso, em outros momentos revelando admirável coragem, sofreu o fôgo implacável da burrice dogmática e foi vítima de insistente acusação de *revisionista*. Ante a acusação, êste moderno campeão da luta contra a intolerância tem respondido dizendo que reconhece no *revisionismo* o perigo mais grave (porque mais sutil) que existe hoje para o marxismo. O *revisionismo* é o resultado do esforço da burguesia, na luta ideológica contra o movimento operário, para minar as bases da concepção do mundo da classe operária, lançando-a na confusão, utilizando idéias e critérios marxistas para procurar destruir os princípios do marxismo. Lukàcs considera necessário lutar contra o *revisionismo*, mas adverte que, para fazê-lo, é necessário eradicar o dogmatismo. O dogmatismo entorpece o desenvolvimento do marxismo, impedindo o trabalho de revisão permanente exigido pelo marxismo em sua prática para se enriquecer dialéticamente. O dogmatismo confunde êste trabalho de revisão com o *revisionismo* e, com isso, contribui para fortalecer o *revisionismo*.

Gramsci sofreu menos do que Lukàcs na mão dos dogmáticos porque sofreu muito mais nas mãos da reação. Logo depois da ascensão do fascismo ao poder na Itália, Mussolini encarcerou Gramsci e mantêve preso o grande pensador até vê-lo doente, combatido pelos

muitos anos de sofrimentos passados no cárcere; quando se certificou de que êle não tinha muitos dias de vida, mandou soltá-lo, a fim de que, morrendo preso, êste não viesse a se tornar um mártir.

Através de seus onze anos de cadeia, brutalmente afastado das condições de militância em que fundara o Partido Comunista Italiano, Gramsci anotou em cadernos as conclusões esparsas, fragmentárias, das suas meditações a respeito de temas marxistas. Estas anotações, dispostas por assunto, foram publicadas em livros pelo editor Einaudi, depois da derrocada do fascismo italiano. Constituem um tesouro da filosofia marxista; especialmente as notas publicadas sob o título de *Il Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce*.

A par das péssimas condições de trabalho, o cárcere possibilitou a Gramsci certa forma de libertação em relação às preocupações políticas de caráter imediato, situando-o em uma perspectiva mais “distanciada” que permitia ver aspectos da luta não vistos pelos que nela estavam absorvidos. Assim, pôde recusar-se a “conceber a discussão científica como um processo judicial” (10).

Observou que o marxismo, como ideologia da classe operária, precisou ser elaborado à base de um amplo domínio do material ideológico mais avançado da cultura burguesa (o que não podia ser feito por operários, dadas as suas condições de vida e deficiências culturais sob o capitalismo; teve de ser feito por dois intelectuais de origem burguesa: Marx e Engels). Observou que, no entanto, o marxismo, dado o seu

caráter, tinha de procurar mobilizar as massas, atuando *didaticamente* sobre elas, simplificando-se e combinando-se com formas culturais pouco superiores à cultura popular de nível médio, que era “medieval”. Em decorrência da prioridade atribuída a esta tarefa “didática”, foi relegada a segundo plano a execução de outra tarefa, que era a de prosseguir na elaboração ideológica “de alto nível”, combatendo as ideologias modernas em suas formas mais refinadas e integrando os elementos culturalmente válidos das mesmas. Em lugar de se tornar “conquistador”, o marxismo, nesta sua fase popular, restaura fórmulas típicas do “materialismo vulgar”, erige-se em “ortodoxia”, impregna-se na sua prática de elementos de “preconceito” e “superstição”. A nocividade deste comportamento, segundo Gramsci, reside no fato de que êle sacrificou o rendimento do próprio trabalho “didático” realizado junto às massas, confirmando os elementos a-críticos existentes no senso comum das mesmas. Ao invés de exercer uma influência educacional verdadeiramente fecunda e libertadora, o marxismo “ortodoxo” transigia com a cultura mumificada das massas e substituía umas formas de alienação por outras formas de alienação. (11).

Às agudas observações de Gramsci, é preciso acrescentar ainda uma análise das circunstâncias históricas especiais em que se processou a pioneira experiência revolucionária da União Soviética, cercada de inimigos poderosos, isolada, consciente da sua fragilidade, duramente intimidada ante a possibilidade muito viável (e catastrófica) do seu fracasso.

Este seria, como disse, apenas o quadro inicial do exame auto-crítico em que o movimento revolucionário analisa as suas vicissitudes, faz um balanço das suas experiências e procura compreender as raízes mesmas das suas moléstias para empreender-lhes a cura. É um exame que está somente no começo, mas que terá de ser levado adiante, sem esmorecimento, sem timidez. É um exame que se deverá beneficiar da alteração efetuada hoje na correlação de forças no plano internacional; o socialismo passou a ter a iniciativa das ações, assumiu a ofensiva, reduziu o mundo capitalista à defensiva e à inferioridade. Não há mais base para a psicologia intimidada dos tempos da *política de cêrco*, no campo da revolução.

Aos intelectuais — tanto aos intelectuais “produzidos” pelo proletariado (classe em ascensão) como aos intelectuais conquistados pelo proletariado à burguesia — cabe um papel *decisivo* na realização deste exame. Cabe-lhes desempenhar uma função crítica eficaz no sentido de ser preservado o humanismo revolucionário e de serem contidas as manifestações de dogmatismo e de intolerância no seio da revolução.

Claro que esta crítica pressupõe a adoção de uma posição revolucionária, pois ela só pode ser *efetiva* se feita *dentro* da revolução, sem qualquer dilettantismo. Mas nem por isso ela pode deixar de ser uma crítica irredutivelmente livre — tão livre quanto consciente — sem se deixar substituir por sucedâneos de nenhuma espécie.

Quero encerrar estas minhas consi-

derações bastante alinhavadas com uma explicação, ainda. Logo no princípio da minha abordagem do tema afirméi que, segundo me parecia, a questão da tolerância & intolerância assumira, com o marxismo, fisionomia nova. Gostaria de explicar em que consiste, a meu ver, esta “fisionomia nova”.

Julgo que, a partir da concepção marxista, ninguém alimentará a esperança de banir definitivamente as manifestações de intolerância enquanto não forem instauradas relações sociais que unam os homens, em lugar de jogá-los uns contra os outros. Uma sociedade dividida em classes segrega a intolerância na medida mesma em que produz conflitos que envolvem poderosos interesses de grupos antagônicos, carregados êstes interesses inapelavelmente de uma carga explosiva de paixões e idiosincrasias.

De acôrdo com o marxismo, contudo, existem condições em nosso tempo para que um movimento revolucionário, baseado no elevado grau de desenvolvimento da técnica de produção e na ação da classe operária, venha a construir uma sociedade sem classes. Nesta sociedade sem classe, a intolerância poderá ser reduzida a níveis prática-

mente inexpressivos no conjunto da vida social.

Não é preciso esperar, porém, que o estágio da sociedade sem classe seja alcançado para combater a intolerância dentro do movimento que conduz a sociedade para aquêle estágio. Pelo contrário, é indispensável combater desde já a intolerância. Pois os marxistas, aptos para compreender que o que caracteriza a manifestação de intolerância como tal é o fato de não existir nela qualquer *inevitabilidade* — e tendo em vista o efeito profundamente deseducativo que tem o ato de intolerância tanto para quem o sofre como para quem o pratica — ficam obrigados, em nome do futuro que almejam alcançar, a um combate sem trégua contra tudo que nega ou afasta êsse futuro.

O fato de que o marxismo não reconheça na tolerância um valor metafísico não acarreta negação de qualquer valor ao conceito; pois o desprezo pela tolerância — desde que encarado o conceito em têrmos históricamente justos — levaria a um entorpecimento do processo de transformação do mundo, da sociedade e do homem. E constituiria uma incoerência, do ponto-de-vista do marxismo.

NOTAS

- (1) — Apud *Na Luz Eterna*, do pe. J. Lehmann.
- (2) — *Dictionnaire Historique et Critique*, artigo “Melanchton”.
- (3) — *Humanisme et Terreur*.
- (4) — *Allocution du 13 janvier 1963 sur la liberté religieuse*.
- (5) — *Phénoménologie de l'Esprit*, trad, Hypolite, p. 35.
- (6) — *Marxisme, Existencialisme, Personnalisme*, p. 8.
- (7) — *A doença infantil do esquerdismo no comunismo*, p. 40.
- (8) — *Perspectives de l'Homme*, p. 10.
- (9) — *La Nouvelle Critique*, n.º 77.
- (10) — *Il Materialismo Storico...*, p. 21.
- (11) — *Idem*, p. 84, 87, 105 e 120.

RÉSUMÉ

AFIN DE SITUER d'abord le problème de l'intolérance l'auteur se réfère aux sophistes en lutte contre le dogmatisme philosophique et contre l'intolérance religieuse de leur époque, à Saint François d'Assise critiquant les méthodes coercitives de prosélytisme mises en pratique par l'Eglise, à Pierre Bayle enfin, préconisant la pluralité des religions et la coexistence pacifique des sectes et de l'athéisme.

L'apparition du marxisme éclaira la question de l'intolérance d'un jour nouveau: on ne pouvait nourrir l'espérance de banir à jamais l'intolérance et ses manifestations tant que ne seraient pas établies des relations sociales qui unissent les hommes au lieu de les dresser les uns contre les autres.

Autant la dialectique de Hegel avait été bornée par des considérations idéalistes (il estimait par exemple l'Etat Prussien de son temps parvenu au stade final de l'évolution politique des sociétés) autant celle de Marx était sans limite. L'auteur cite Jean Lacroix: "L'esprit marxiste est profondément inspiré par un refus radical de tout dogmatisme". Il cite aussi Lénine: "En elle-même, l'adhésion au marxisme ne protège personne des erreurs."

Pourtant, en pratique, les révolutionnaires marxistes ont manifesté un dogmatisme déprimant et une rigoureuse intolérance. Le XX^e congrès du P. C. de l'URSS le reconnaît, en exigeant que les marxistes soient conséquents et examinent objectivement l'expérience révolutionnaire soviétique afin de comprendre les raisons d'anomalies telles que celle la politique culturelle: Pourquoi cette politique a-t-elle donné d'excellents résultats dans le secteur technologique, et des résultats de beaucoup moins bons dans le

domaine des arts et de la philosophie? C'est une critique dont les écrivains marxistes contemporains comme Roger Garaudy et Lucien Goldmann, et les écrivains brésiliens de gauche, s'accordent à reconnaître le bien-fondé.

On éprouve aujourd'hui la nécessité d'un examen rigoureux des causes historiques du dogmatisme, et des méthodes arbitraires mises en pratique au nom des "intérêts supérieurs de la Révolution". Mais, comme le note l'auteur cet examen a été beaucoup plus annoncé que vraiment abordé par les écrivains marxistes. L'auteur pense que c'est une tâche qui attend plutôt les jeunes générations marxistes que la vieille garde, car pour celle-ci cela équivaudrait à taillader au bistouri sa propre chair. Les deux seuls écrivains qui depuis Lénine ont contribué d'une manière efficace au progrès du marxisme sont: Georg-Lukács et Gramsci. Pour le premier, le dogmatisme aboutit en fait à renforcer la tendance révisionniste, en assimilant l'examen critique du passé avec le révisionnisme. Pour Gramsci c'est la priorité donnée aux tâches didactiques que redéga au second plan la poursuite du travail d'élaboration d'une idéologie capable d'affronter les idéologies modernes, tout en intégrant ce qu'elles pourraient offrir de valable.

Les marxistes ne peuvent méconnaître ces erreurs pour la seule raison que les penseurs bourgeois les attribuent à des "déficiences intrinsèques" du marxisme.

Dans sa conclusion l'auteur affirme que l'intolérance provient de la division de la société en classes, mais qu'il est nécessaire de la combattre, sans attendre, au sein même du parti qui prépare l'avènement de la société sans classe.

ABSTRACT

IN ORDER to pin down the question of *intolerance*, the author refers the sophists in their struggle against all forms of philosophical dogmatism and against the religious intolerance of their time; to St. Francis of Assisi who never seemed to accept the coercive methods of conversion then put into practice by the Church; and to Pierre Bayle who preached the plurality of religions and the peaceful coexistence of all sects and atheism.

With the upsurge of Marxism the question of intolerance gained a new impetus, for starting from a Marxian conception of the world no one will ever hope to do away with intolerance until new social relations are brought about, and ones which will tend to unite men rather than throw man against man.

Hegel's dialectics had idealistic limitations. It was an inconsistent dialectics. He would consider, for instance, the Prussian State of his time as the final outcome of the political evolution of society. Whereas Marx's conception establishes no limits to dialectics. The author quotes Jean Lacroix: "In his deepest inspiration, the Marxian approach is doubtless a radical negation of all dogmatism". He also quotes Lenin: "All by itself, an acceptance

of Marxism will not redeem anybody of his errors". Nevertheless, in the Marxist's revolutionary practice, it is to be found many an element of dogmatism and petty intolerance. This has been recognized by the XXth Congress of the Communist Party of the Soviet Union, and asks for an objective re-examination, on the part of all consistent Marxists, of Soviet revolutionary experience, in order to understand the roots of these contradictions. The cultural policy of the Soviet Union, for instance, has yielded excellent results on the technological field. The same cannot be said, however, of the artistic and philosophical production. Quite a few Brazilian leftist intellectuals, free from anti-Marxist prejudices, agree with this, as do some contemporary French writers like Roger Garaudy, Lucien Goldman and others.

A rigorous examination of the historical roots of dogmatism and other arbitrary practices of intolerance carried on in the name of the "superior interests of the Revolution" finds now its place and is already being announced by the critique on the part of a number of Marxian writers. The author believes that this is precisely one of the tasks of the new generations of Marxists, since such selfcriti-

cism would be just too much to expect from the elder ones, a fact that by no means precludes the need for it. Two Marxian writers are then referred to, in the opinion of the author, as the only ones who managed to bring about some really significant advances in Marxism: Georg Lukács and Antonio Gramsci. According to Lukács, dogmatism contributes to establish a confusion between a necessary work of revision and the so-called "revisionism", contributing to strengthening the latter. According to Gramsci, the priority imparted to the didactical task resulted in the delay of another task — that of the continuation of high level ideological

studies — which then became of secondary importance.

Marxians cannot go away without recognizing these hard facts of life, just because a few bourgeois ideologists attribute these symptoms to some alleged "intrinsic deficiencies" of Marxism.

The author concludes with the statement that a society divided into classes creates intolerance, whereas in a classless society intolerance may be kept down to very spurious levels. However, one should never wait for the coming of a classless society prior to starting to fight intolerance right in the movement which will bring society to such a level of development.